



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE
EM ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

TATIANE RODRIGUES DOS SANTOS

O EDUCADOR AMBIENTAL PARTINDO DE PRESUPOSTOS FREIRIANOS E DO
MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO: análise de uma experiência em
Educação Infantil.

Matinhos, PR
Junho/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE
EM ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

TATIANE RODRIGUES DOS SANTOS

O EDUCADOR AMBIENTAL PARTINDO DE PRESUPOSTOS FREIRIANOS E DO
MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO: análise de uma experiência em
Educação Infantil.

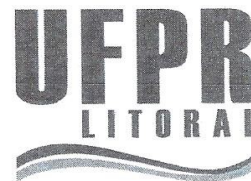
Relatório de Projeto de Intervenção apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis, da UFPR, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental.

Professor Orientador: Prof. MSc. Cassius Cruz

Matinhos, PR
Junho/2014



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
UFPR Litoral
Curso de Especialização Educação Ambiental com
Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Mestre **CASSIUS MARCELUS CRUZ**, realizaram em **28/06/2014** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **TATIANE RODRIGUES DOS SANTOS**, sob o título "**O EDUCADOR AMBIENTAL PARTINDO DE PRESSUPOSTOS FREIRIANOS E DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL.**", para obtenção do Título de *Especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "**APL**".

Matinhos, 28 de junho de 2014.


Prof. MSc. CASSIUS MARCELUS CRUZ


Prof. MSc. ALMIR CARLOS ANDRADE


TATIANE RODRIGUES DOS SANTOS
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Várias contribuições foram agregadas para a execução deste trabalho, o que contribuiu para a minimização do tempo e do esforço, sem o que atingiria os objetivos, mas talvez com mais labuta maior esforço.

Aos que contribuíram para com este trabalho, expresso aqui os meus sinceros agradecimentos:

- a todos os meus familiares, mãe, irmãos e namorado, por estarem sempre presentes, incentivando o meu crescimento intelectual e profissional;

- ao professor CASSIUS CRUZ, como orientador, pela sua dedicação e responsabilidade com o ensino e a pesquisa;

- aos professores do curso, pela dedicação com que ministraram suas aulas, e por terem operacionalizado os estudos, apesar da distância, e em especial a coordenadora do curso, professora LENIR MARISTELA, por toda a sua dedicação e disponibilidade em responder e sanar as duvidas que ocorreram durante o curso;

- à UFPR, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, por ter disponibilizado essa Especialização;

- a todos que contribuíram na intervenção para que este trabalho fosse realizado com sucesso;

- a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração deste trabalho.

Os homens se educam entre si, intermediados pelo mundo.

(Paulo Freire).

*Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário,
o seu ser social que lhe determina a consciência.*

(Karl Marx).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipologia Do Pensamento Ambientalista Marxista.	14
Tabela 2 – Ações Dialógicas e Antidialógicas na concepção de Freire.	31
Tabela 3 – Quais seriam as dificuldades e as facilidades para se trabalhar com a EA em sala de aula?	44
Tabela 4 – Síntese das respostas dos professores/educadores.	45
Tabela 5 – Respostas dos professores/educadores a respeito das correntes filosóficas do marxismo.	45
Tabela 6 – Opções Pedagógicas da Educação Ambiental no Brasil.	49

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SIMBOLOS

EA – Educação Ambiental

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

IUCN - Internacional Union for the Conservation of Nature (*termo em Inglês*)

MEC – Ministério da Educação e Cultura

ONU – Organização das Nações Unidas

ONG's – Organização Não Governamental

PPP – Projeto Político Pedagógico

PNMA – Política Nacional do Meio Ambiente

PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental

PR – Paraná

Resumo

Tatiane Rodrigues dos Santos¹
Cassius Cruz²

O presente trabalho visa contribuir para o debate da inserção e efetivação da Educação Ambiental (EA) nos currículos escolares a partir de análises dos pressupostos do professor/pedagogo Paulo Freire para uma educação crítica, libertadora e emancipatória, e também faz uma análise da proposta pedagógica curricular do município de Pinhais (PR) para a educação infantil quanto à abordagem da Educação Ambiental, identificar como a EA tem sido trabalhada no Centro municipal de Educação Infantil Helena Kolody no município de Pinhais. Durante sua permanência no Chile, Paulo Freire se reencontrou com o materialismo dialético e histórico, aprofundou suas leituras e começou a refletir sobre a educação, e a colocar em prática suas ideias pedagógicas. Freire centrou sua atenção sobre aqueles que ele chamava de “oprimidos” do capitalismo periférico, isto é, sobre aqueles a quem a “palavra havia sido negada”. Buscou conhecer vários conceitos sobre a educação, de diferentes autores, para poder dar sustentação a uma teoria da educação que tivesse condições de nutrir uma prática pedagógica libertadora, emancipatória e crítica. Temáticas como sustentabilidade, ecologia, desenvolvimento sustentável, crise ambiental (destruição da camada de ozônio, as causas do efeito estufa, derretimento das calotas polares, desmatamento da floresta amazônica, poluição) afetam de forma mais intensa os grupos oprimidos e fazem parte das discussões formais e não formais sobre EA. A base teórica do trabalho foi realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica e tem como referenciais teóricos metodológicos os pressupostos centrais do pensamento freiriano, e também foi realizada uma intervenção com os educadores/professores atuantes na unidade de ensino, onde constatou-se despreparo dos mesmos para abordarem a EA de forma crítica, libertadora e emancipatória com os educandos.

Palavras-chave: educador ambiental, práticas pedagógicas, pressupostos freirianos, materialismo histórico dialético.

¹Estudante do Curso de especialização em Educação Ambiental da UFPR Litoral, professora da rede municipal de ensino em Pinhais (PR), graduada em Pedagogia – tathy.1001@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), atualmente é doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas – cassius.cruz@gmail.com

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAIS TEÓRICO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA DE EDUCADORES AMBIENTAIS.....	15
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	18
2.2 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR AMBIENTAL.....	23
2.3 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	27
2.3.1 CRÍTICA A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DE EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	28
2.3.2 CONCEPÇÃO EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	31
2.3.3 CONCEPÇÃO DE CONSCIENTIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE CLASSE NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	32
2.3.4 CONCEPÇÃO DE DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	36
3 APROXIMAÇÕES ENTRE OS PRESSUPOSTOS FREIRIANOS E O MATERIALISMO HISTÓRICO DIÁLETICO.....	40
4 PESQUISA DE CAMPO.....	45
4.1 METODOLOGIA.....	45
4.2 TIPO DE DELINEAMENTO.....	45
4.2 COLETA DE DADOS.....	46
4.3 TIPO DE ABORDAGEM.....	47
4.4 TRATAMENTO DOS DADOS.....	48
4.5 AVALIAÇÃO e ANÁLISE CRÍTICA.....	48
4.5.1. ANÁLISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR DO MUNICÍPIO DE PINHAIS (PR) E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA UNIDADE DE ENSINO QUANTO A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	48
4.5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	50
4.5. 3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	51
5 RELATO DA INTERVENÇÃO.....	54
5.1 INTERVENÇÃO REALIZADA COM A EQUIPE PEDAGÓGICA, COM RELAÇÃO AO QUE CONSTA NO PPP DA INSTITUIÇÃO E NA PPC DO	

MUNÍCIPIO DE PINHAIS (PR).....	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
7 REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS.....	65

1 INTRODUÇÃO

Atualmente são inúmeras as temáticas que envolvem a Educação Ambiental (EA) em debates dentro dos espaços educacionais formais e não formais. O que vem sendo falado em sala de aula para nossos educandos a respeito da crise ambiental global, da alta demanda por recursos naturais, da sustentabilidade, consciência ecológica, apelos exagerados ao consumo? O que os professores/educadores³ sabem a respeito do tema? Essas são algumas questões que nos fazem pensar a respeito da formação ambiental que nossos professores/educadores possuem, para terem subsídios para atuarem com o tema, uma vez que acreditamos que “a educação ambiental tem como objetivo incentivar comportamentos que favoreçam a adaptação dos indivíduos, e da sociedade como um todo, face aos problemas ambientais contemporâneos, incentivando comportamentos considerados “ecológicos”.(cf. PINTO; ZACARIAS, 2010).

A EA não pode ser uma educação passiva, onde os professores e educadores apenas “passam” pelos conteúdos, sem que possibilitem uma “tomada de consciência”, como diz Freire, em seus educandos.

Ao pensarmos em uma educação voltada para a autonomia e a liberdade dos educandos, em uma concepção dialética de educação, não podemos deixar de lado as considerações de Paulo Freire, o qual teve a influência de várias correntes filosóficas em seus escritos, sendo uma delas o materialismo histórico dialético que tem como principal fonte de ideias os escritos dos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels, ressaltando os temas sobre a sociedade capitalista e os problemas sociais do mundo.

Os pressupostos Freirianos a respeito da conscientização, diálogo, educação bancária, educação libertadora e educação problematizadora nos dão base para uma educação crítica e emancipatória, porque sendo assim uma “educação ambiental crítica, emancipatória que vai além de “ensinar” bons comportamentos em relação à natureza e ao meio ambiente. É uma educação ambiental comprometida com as mudanças de valores e a transformação da

³A pesquisadora fez opção por utilizar os termos professor e educador sem fazer uma escolha entre eles, pois Paulo Freire também não faz distinções, utiliza tanto um quanto o outro.

sociedade”. (cf. PINTO; ZACARIAS, 2010).

O objetivo geral da pesquisa em questão foi identificar como a educação ambiental tem sido trabalhada no Centro municipal de Educação Infantil (CMEI) Helena Kolody no município de Pinhais. Tal objetivo foi alcançado através da verificação dos projetos que estavam sendo trabalhados em sala de aula, observou-se quais as temáticas que eles contemplavam.

A pesquisa teve três objetivos específicos a serem alcançados:

- 1) Análise do planejamento da escola sobre a temática da educação ambiental. Procurou-se alcançar esse objetivo através da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) do centro municipal de Educação Infantil.
- 2) Identificar junto aos/as professores/as a operacionalização do planejamento em sala de aula, o qual foi identificado através da observação dos planos de aula de cada sala e a sua aplicação com os educandos.
- 3) Elencar a base teórica de referência para fundamentar o trabalho de Educação Ambiental, a partir dos conceitos centrais que mediam a ação, com base em uma educação crítica, libertadora e problematizadora. Para que este objetivo fosse alcançado foi realizado um levantamento bibliográfico e a análise da leitura de Base Freiriana e do Materialismo Histórico dialético (Karl Marx).

Ao se realizar estudos nas obras de Freire é notória a influência que seus escritos sofreram por parte dos pensamentos de filósofos da corrente marxista, que teve como seus precursores Marx e Engels. Durante sua permanência no Chile (1964 – 1969) Freire aprofundou suas leituras sobre estes, e no Marxismo encontrou fundamento para revelar o antagonismo presente na sociedade capitalista, autora de parte dos problemas sociais do mundo, e foi influenciado na elaboração dos seus conceitos sobre humanismo e educação. De acordo com MESQUIDA (2011) toda a sua produção intelectual foi marcada pelos pensamentos oriundos da fenomenologia e do marxismo.

MICHELIS (2011) esclarece que “o marxismo, como ciência da realidade e como pensamento para ação, emergiu em meados do século passado, quando a

economia burguesa já estava cristalizada na sociedade urbano industrial e quando a classe operária aparecia como um fenômeno novo constituído dentro da sociedade”.

Os princípios do marxismo alegam que o sistema assegura a divisão do trabalho e o surgimento de classe antagônica. De um lado, os donos dos meios sociais de produção e, do outro, os donos da força de trabalho. Os primeiros usufruem e os segundos executam. O trabalho torna-se uma mercadoria e é paga como tal. O executor desse trabalho, o operário passa a ser simplesmente uma peça na máquina capitalista, recebendo o mínimo necessário para manter-se vivo e continuar produzindo. Aliena-se do resto, da cultura, do lazer e do próprio produto do seu trabalho passando a tratá-los como estranhos e com uma certa idolatria. Essa alienação atinge a sua própria consciência de ser humano.(MICHELS,2011).

Para Marx a educação era vista como um instrumento de dominação, em uma sociedade capitalista onde a classe dominante exerce poder de domínio e exploração sobre a classe trabalhadora.

Posteriormente neste trabalho serão descritas as aproximações epistemológicas entre os pressupostos freirianos e o materialismo histórico dialético (marxismo).

Ao falarmos dos conceitos que regem a Educação Ambiental, Marx entendia a natureza como parte do corpo, não existia um sem o outro, natureza como parte da práxis humana.

De acordo com ANDRIOLI,

“Karl Marx contribuiu decisivamente para o progresso do debate sobre a relação entre economia e natureza, ao interpretar a acumulação capitalista através das suas contradições sociais, ao contrário da concepção clássica liberal, baseada restritamente nas limitações naturais”. [...] Marx não concebe a natureza como fonte ilimitada de matérias-primas e nem como recurso gratuito. A natureza não gera valor de troca, porém, ela é a fonte do valor de uso (MARX, 1983a: 58; 1962: 51). Para Marx, os seres humanos e a natureza se encontram numa relação de reciprocidade.

Os movimentos ambientalistas tiveram precursores que defendem a corrente marxista, uma vez que a busca de saídas para crise ambiental, é necessário compreender como a relação humana com a natureza está associada a relações materiais e sociais, dentro do modelo capitalista de economia de mercado. Onde, “essa concepção marxiana da natureza e sua relação com a concepção

materialista da história demonstram que o pensamento social de Marx está profundamente associado a uma atual visão ecológica do mundo”.

Sendo assim, o educador ambiental deve fundamentar-se em conceitos que visem a mudança global da visão de mundo com relação ao temas ambientais, e não apenas na acomodação do atual modelo econômico, só assim poderá proporcionar diálogos conscientizadores e esclarecedores aos educandos, fazendo que os mesmos busquem mais informações sobre um determinado tema, e não fiquem apenas com o que lhes foi dito por uma única pessoa.

2 REFERENCIAIS TEÓRICO PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Os conceitos ideológicos ambientalistas estão presentes nas mais variadas bases filosóficas, sendo assim o pensamento ambientalista está presente em várias correntes ideológicas de concepções de mundo, tais como as fundamentalistas, ecocentristas, naturalistas, antropocêntricas, tecnocentristas e a marxistas.

Neste capítulo a pesquisadora se aterá apenas na análise da crítica ambiental marxista, para uma formação ambiental ampla e conscientizadora.

Tendo como ponto de partida a ética e o caráter histórico, a sociedade humana com uma visão antropocêntrica de mundo abriga o pensamento tecnocentrista e o marxista, onde o marxista concebe a sociedade dividida em classes frente a natureza, dentro de uma concepção histórica.

Frente a perspectiva marxista FOLADORI ressalta que:

[...] Marx considerou a sociedade humana em sua historicidade fazendo parte da natureza e de suas leis. Isso não significa que igualou a prática humana à “natureza externa”. Pelo contrário, ao considerar o trabalho como a essência da natureza humana definiu um critério nítido de demarcação. A diferença consiste em que a natureza é vista em função do interesse humano.[...]

Para Marx “o desenvolvimento da sociedade é considerado um processo histórico-natural, sujeito a leis assentadas na forma de trabalho, ou seja, na maneira como se estabelecem as relações sociais de produção e o nível de transformação da “natureza externa””, segundo FOLADORI.

O esquema a seguir foi adaptado do quadro apresentado por FOLADORI pela pesquisadora, para resumir a posição da visão ambientalista marxista, partindo do ponto de vista ético.

Ponto de Partida	Tipo	Autores	Causas da Crise Ambiental	Alternativas para a “sustentabilidade”
Ético				
Antro-Pedocentristas	Marxistas	Enzensberger, Hans M. 1974. “A Critique of Political Ecology”, New Left Review, Nro.	Da crise contemporânea: Relações sociais capitalistas. (Existem causas genéricas à	Mudanças nas relações capitalistas de produção: meios de produção sob controle dos trabalhadores.

		84	sociedade humana).	
--	--	----	--------------------	--

Tabela 1: TIPOLOGIA DO PENSAMENTO AMBIENTALISTA MARXISTA.

De acordo com FOLADORI o marxismo é antropocentrista, e por assim ser “se merece um destaque especial é pela grande distância que mantém em relação a todas as posições ecocentristas, e também com o tecnocentrismo”.

Que o homem vive da natureza significa que a natureza é o seu corpo, com o qual deve manter-se em um processo contínuo, para não morrer. A afirmação de que a vida física e espiritual do homem se acham intimamente ligadas com a natureza não tem mais sentido do que dizer-se que a natureza se acha intimamente ligada consigo mesma, já que o homem é parte da natureza (Marx e Engels, 1966:67 *apud* FOLADORI).

Em Marx “a relação entre a sociedade humana e o seu contexto é dialética e histórica; na medida em que a sociedade transforma a natureza, transforma-se a si mesma”.

FOLADORI citando SCHMIDT (1977) conceitua a natureza em Marx:

O que diferencia o conceito marxista de natureza em sua disposição face a outras concepções, é o seu caráter sócio-histórico. Marx parte da natureza como sendo “a primeira fonte de todos os meios e objetos do trabalho”, o que quer dizer que a vê logo de início relacionada com a atividade humana (SCHMIDT, 1977:11 *apud* FOLADORI).

Para Marx a natureza faz parte da práxis humana, não podendo ser separada uma da outra, e a natureza só tem sentido no ser humano, contudo a relação do ser humano com a natureza se efetiva “através da elaboração de sua própria vida, o que faz com que, ao mesmo tempo em que o ser humano transforma a natureza externa, transforma-se a si mesmo”. (cf. FOLADORI).

Expressando-se assim com relação a sociedade e a natureza, a teoria marxista não é somente antropocêntrica, mas também é classista, sendo está uma diferença radical com relação ao restante das posições ambientalistas.

Porque, se há uma característica que aglutina todo o leque de cores, do ecocentrismo ao tecnocentrismo, é o fato de considerarem a sociedade humana como um bloco indiviso, com igual responsabilidade diante da natureza. E o marxismo considera a sociedade como sendo diferenciada em

classes.(FOLADORI).

Marx em “O Capital” explica como o sistema capitalista age para aumentar seus ganhos e baratear os custos, e de ambas as formas gera a depredação e contaminação da natureza. De acordo com FOLADORI Marx também explica sobre “as tendências capital para a colonização de novas fronteiras, com os consequentes efeitos sobre a depredação da natureza”, e a tendência do capital para “explorar até a exaustão esse mesmo solo, ainda que sob decrescente lucratividade com os efeitos de esgotamento da sua fertilidade”.

FOLADORI também traz em seu texto uma análise da problemática segundo Marx, sendo ela a seguinte:

A análise da problemática ambiental, para os marxistas, não se desliga nunca das próprias contradições econômicas do capitalismo. Assim sendo, para o marxismo, não pode haver limitações físicas que impeçam o desenvolvimento social. Antes de apresentar-se qualquer limitação física, surge uma contradição social que a supera. Dessa perspectiva, não tem qualquer validade uma ética derivada de leis “externas” (biológicas ou físicas) à sociedade humana. (FOLADORI).

Apresenta ainda algumas das posições existentes entre as relações do capitalismo com o meio ambiente dentro do pensamento marxista, como sendo elas: “eco marxista, presume que a própria dinâmica do capitalismo leva indubitavelmente à crise ambiental; contradição entre o capital e o trabalho; o capitalismo não possa superar os problemas ambientais que provoca.

Concluindo sua análise a respeito das teorias ambientalistas FOLADORI faz a seguinte explanação sobre o marxismo:

[...] analisamos o caso do marxismo, que se distancia de todas as demais por seu conceito de natureza como parte da práxis humana. O marxismo destaca a relação dialética entre sociedade humana e meio ambiente. Disso resulta que cada transformação da natureza se manifesta em uma modificação no interior da própria sociedade humana. Por isso, para o marxismo, mais que limitações físicas externas, diante das quais a sociedade como um todo se veja confrontada – como é delineado pelas correntes ecocentristas e tecnocentristas – existem limitações sociais que traduzem os problemas naturais em contradições sociais, que fazem com que a problemática ambiental seja assumida sob formas e interesses diferentes, segundo as classes sociais e os países.

A seguir apresenta-se um breve histórico da EA desde o seu surgimento nas rodas de debates nacionais e internacionais, e a evolução da definição de seus conceitos.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A cada dia estão mais evidentes as preocupações do homem com relação às temáticas ambientais do planeta, visto que sua interferência no meio ambiente esta produzindo catástrofes ambientais que jamais poderiam ser previstas. Temáticas como sustentabilidade⁴, ecologia, desenvolvimento sustentável, crise ambiental (destruição da camada de ozônio, as causas do efeito estufa, derretimento das calotas polares, desmatamento da floresta amazônica, poluição) estão fazendo parte das discussões formais e não formais sobre EA.

A definição dos conceitos sobre a EA evoluíram muito com passar dos anos, mediante inúmeras pesquisas feitas, e esta diretamente ligada ao conceito de Meio Ambiente. Dias (2004) elenca em sua obra “Educação Ambiental: princípios e praticas” algumas das definições mais relevantes, citaremos a seguir algumas delas:

A IUCN (Internacional Union for the Conservation of Nature-1970) definiu Educação Ambiental como um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, voltado para o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias á compreensão e apreciação das inter-relações entre o homem, sua cultura e seu entorno biofísico.

[...]Na Conferencia de Tbilisi (1977),a EA foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e a prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada individuo e da coletividade.

O Conama- Conselho Nacional do Meio Ambiente (1996) definiu a EA como um processo de formação e informação, orientado para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais e de atividades que levem a participação das comunidades n preservação do equilíbrio ambiental.

Em 1988/1989,o Programa Nossa Natureza⁵ definiu a EA como o conjunto

⁴ Leonardo Boff explica o conceito de sustentabilidade em sua obra “Sustentabilidade. O que é- O que não é” como sendo o conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões.

⁵ Decreto [Nº 96.944, de 12 de outubro de 1988](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D96944.htm).Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D96944.htm

de ações educativas voltadas para a compreensão da dinâmica dos ecossistemas, considerados os efeitos da relação do homem com o meio, a determinação social e a evolução histórica dessa relação.

Uma definição complementa a outra, fazendo com que a EA possua várias atribuições.

O ensino da Educação Ambiental no Brasil é regulamentado pela Lei 9.795/99 de Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), onde se faz uma distinção entre o ensino da Educação Ambiental nos ambientes formais e não formais. De acordo com o Art. 9º “entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas”, onde encontram-se inseridas a educação básica(educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), educação superior, educação especial, educação profissional e a educação de jovens e adultos. E a Educação Ambiental não- formal, de acordo com o Art. 13 são “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.”

LIMA (2009) nos aponta em seu artigo “Educação Ambiental Crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis” suas considerações a respeito do contexto histórico de como a Educação Ambiental (EA) surgiu no Brasil na década de 70 e se consolidou na década de 80 (como um campo complexo, plural e diverso). Lima se detém a explicitar a tendência crítica das perspectivas político pedagógicas deste campo. Onde a cidadania ambiental, participação/democracia participativa, interdisciplinaridade, sócio ambientalismo e sociedade sustentável caracterizam e esclarecem a trajetória da tendência crítica da EA.

Os conceitos atribuídos a EA estão sempre ligados aos conceitos sobre o que é o Meio Ambiente, e para os leigos são sinônimos. Cada ser humano que vive em nosso planeta possui uma definição própria sobre o meio ambiente, são muitos os fatores que os levam a construir tal definição, baseados no senso comum, e até mesmo buscando conceitos mais elaborados em livros, textos, artigos de estudiosos sobre o assunto.

Existem várias definições sobre o conceito do que é o meio ambiente, uma delas é a que consta na Lei da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), de 31

de agosto de 1981, que o define como:

“o conjunto de condições, leis, influências e interações da ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. A Constituição Federal não o define, afirmando apenas que se trata de um bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida. (BRASIL, Presidência da República Casa Civil. Lei nº 6.938 d 31 de agosto de 1981).

E na Conferência das Nações Unidas (ONU), sobre o Meio Ambiente realizada em Estocolmo, em 1972, definiu-se o meio ambiente da seguinte forma, “o meio ambiente é o conjunto de componentes físicos, químicos, biológicos e sociais capazes de causar efeitos diretos ou indiretos, em um prazo curto ou longo, sobre os seres vivos e as atividades humanas”.

Além das definições legais existem alguns autores, estudiosos que discutem sobre o tema, e fazem suas considerações a respeito. Cita-se aqui a definição do Dicionário de ecologia e ciências ambientais, por Henry W. Art, o qual também traz as definições de natureza e ambiente, juntamente.

Natureza é “termo genérico que designa organismos e o ambiente onde eles vivem: o mundo natural”. Por ambiente entende-se o “... Conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, como um todo ou em parte desta, abrangendo elementos do clima, solo, água e de organismos”, e por meio ambiente a “soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe. O meio ambiente não é um termo exclusivo; os organismos podem ser parte do ambiente de outro organismo” (ART, 1998).

Também conceituando o meio ambiente Lima (2007) em seu texto “Proposição de Implementação de um Sistema de Gestão Ambiental no Instituto Adolfo Lutz”, trás a definição de Emídio (2006):

“O meio ambiente concebido, inicialmente, como as condições físicas e químicas, juntamente com os ecossistemas do mundo natural, e que constitui o habitat do homem, também é, por outro lado, uma realidade com dimensão do tempo e espaço. Essa realidade pode ser tanto histórica (do ponto de vista do processo de transformação dos aspectos estruturais e naturais desse meio pelo próprio homem, por causa de suas atividades) como social (na medida em que o homem vive e se organiza em sociedade, produzindo bens e serviços destinados a atender “as necessidades e sobrevivência de sua espécie”).

As grandes fábricas e indústrias mundiais também criaram sua própria definição sobre o meio ambiente, com a criação da organização ISO 14001, que é a responsável pelo meio que a cerca. Encontra-se na ISO 14001:2004 a seguinte definição sobre meio ambiente: “circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações”.

CARVALHO (2012) nos traz sua visão de um sujeito ecológico, de acordo com os estudos feitos para se produzir um perfil da ação ecológica e dos movimentos ecológicos, em seu texto “Um sujeito ecológico em formação”. Fazendo-se a devida distinção entre ecologistas “de carteirinha” e ecologistas simpatizantes, cada um deles tenta incorporar em suas praticas cotidianas valores ecológicos. Para a autora, o sujeito ecológico sustenta os valores utópicos, daqueles que creem em uma sociedade ecológica. Carvalho também descreve o mundo em que esse sujeito atua:

O mundo contra o qual a crítica ecológica se levanta é aquele organizado sobre a acumulação de bens materiais, no qual vale mais ter do que ser, no qual a crença na aceleração, na velocidade e na competitividade sem limites tem sido o preço da infelicidade humana, da desqualificação e do abandono de milhões de pessoas, grupos e sociedades que não satisfazem esse modelo de eficácia. (cf. CARVALHO, p. 68).

O ideário ecológico dos dias atuais é o desejo da mudança da sociedade, uma vez que nos tempos atuais não se vê um clima de revolução que almeje “mudar o mundo” como era visto nos anos 60/70 quando a EA estava se iniciando como um campo de conhecimento e de atividades pedagógicas e políticas, segundo CARVALHO (2012,p.68). As pessoas do século XXI não acreditam mais em sua capacidade de mudar as coisas, a sociedade está menos ousada e mais resignada, contudo as questões ambientais ainda reúnem esperanças e apostas de mudanças nos estilos de vida coletivos e individuais. Para CARVALHO (2012, P.69) “os educadores que passam a cultivar as ideias e sensibilidades ecológicas em sua prática educativa estão sendo portadores dos ideais do sujeito ecológico”.

O discurso ambiental está sendo implantado nos discursos escolares, deixando expostas as atribuições do educador ambiental neste contexto. A EA está

presente nos mais diversos espaços sociais: empresas, associações, sindicatos, ONG's entre outros. As questões pedagógicas estão incorporando nos currículos das escolas as temáticas ambientais, uma vez que a crise ambiental está tomando maiores proporções e onde “o debate ambiental adquire uma dimensão pedagógica e política na medida em que oportuniza o debate, o questionamento e a negociação de projetos políticos, culturais e sociais”, de acordo com TORALES (2013).

A importância da questão ambiental vem sendo reforçada no ensino formal, mediante esforços de professores que nem sempre possuem a formação inicial ou continuada adequada para abordar o assunto com seus educandos, TORALES (2013) ainda afirma que:

Isso decorre da óbvia realidade de que o trabalho pedagógico educativo é um importante elemento ao processo de reação social às demandas ambientais, podendo ser considerado como uma peça essencial de favorecimento às discussões, desencadeador de experiências e vivências formadoras, de exercício da cidadania ou espaço integrado/integrante de uma dinâmica social. (cf. TORALES, 2013).

Cada professor adota uma postura ao se trabalhar com as temáticas ambientais, definindo a dimensão da crise ambiental de acordo com sua realidade. TORALES (2013) também aponta os modelos propostos para se trabalhar com a EA nas escolas, sendo eles os de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transversalidade, onde no “modelo interdisciplinar, a temática ambiental constituir-se-ia em uma disciplina específica, a ser agregada ao conjunto de disciplinas já estabelecidas” e a proposta multidisciplinar integraria a temática ambiental a outras disciplinas.

Porém, os temas transversais deveriam romper com a fragmentação dos conteúdos escolares, com base em tendências construtivistas “poder-se-ia admitir que esses temas apontem para uma possibilidade de aproximação entre os conhecimentos cotidianos do contexto social e os conhecimentos científicos, já que abordam temáticas que se constituem como preocupações sociais contemporâneas”.

Partindo de uma visão de que a educação deve transformar a realidade local e a forma como os educandos interagem com o mundo, acredita-se que as bases marxistas e freirianas são as mais indicadas para se basear a formação do educador

ambiental, dentro de uma perspectiva de educação libertadora, crítica e emancipatória.

2.2 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR AMBIENTAL

Como se efetiva a formação do educador ambiental nos dias atuais? É com este questionamento que iniciamos a nossa busca pelo perfil do educador ambiental que leciona em nossas escolas. Como a pedagogia ambiental vem ensinando sobre a realidade socioambiental e construindo valores sociais que visem à sustentabilidade de forma global?

TREVISOL (2003) nos diz que “a EA implica um processo de conscientização sobre os processos socioambientais emergentes, que mobilizam a participação dos cidadãos na tomada de decisões, junto com a transformação dos métodos de pesquisa e formação”, onde a EA deve ser crítica frente ao modelo de desenvolvimento dominante, visando à orientação da construção de uma nova racionalidade social. Para TREVISOL (2003)

...o desafio que se coloca á pedagogia ambiental é o de formar o ser humano, desde a infância e juventude, com um espírito crítico e construtivo, estimulando antes sua criatividade do que submetendo-o aos desígnios de um mundo automatizado, armado por pedaços (*bits*) de informação, concatenado e encadeado pela tecnologia a uma ordem econômicas supra-humana. Trata-se de ensinar a perceber e internalizar a complexidade, diversidade e potencialidades do ambiente, face á fragmentação da realidade posta a serviço da exploração da natureza e da dominação do homem.(TREVISOL,2003,P.259).

Conforme TREVISOL (2001) o conceito de formação ambiental é fundamental para a compreensão da realidade causada pelos problemas ambientais do atual modelo de desenvolvimento. Sendo a formação ambiental um processo de criação de novos valores e conhecimentos, sendo que esses valores orientam a racionalidade ambiental.

Nunca na história da humanidade necessitamos tanto como agora de uma educação renovadora e libertadora, que promova o desenvolvimento de uma compreensão mais realista do mundo, segundo DIAS (2004). Para o autor a EA é

urgente, e precisamos oferecer mais formação aos educadores ambientais, porque a educação vigente apenas treina os educandos para ignorar as consequências ecológicas de seus atos. Apenas em 1977 a Conferência de Tbilisi⁶ apontou direções para a incorporação da dimensão ambiental em todas as formas de educação.

Porém nada de efetivamente significativo foi feito para que a EA fosse amplamente estudada em todas as modalidades do ensino, o que foi comprovado na Conferência de Tessalônica em 1998. É obvio que houve conquistas, mas estas estão sendo insuficientes para provocar as mudanças de rumo que a velocidade da degradação ambiental requer. [...] A Educação Ambiental ainda não representa uma força suficiente para interferir na inércia daquele movimento e modificar a sua trajetória de desestabilização, segundo DIAS (2004).

No Brasil o Ministério da Educação (MEC), promoveu algumas conquistas significativas, consolidou os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama configuraram políticas e promoveram conferências. Já nas Secretarias Municipais de Educação as condições precárias de infraestrutura e de desenvolvimento, políticos corruptos fazem com que a EA fique de fora do orçamento. Com relação a formação dos professores, DIAS (2004) diz que:

[...] o esforço de qualificação é mínimo. Quando ocorre, frequentemente qualifica alguns professores de cada escola. Estes, quando retornam às suas unidades escolares, passam a ser encarados como “rebeldes”, indesejáveis, pela Coordenação e pela Direção. Até mesmo o diálogo com os colegas se torna difícil. A estratégia de qualificação de professores, desacompanhados dos demais colegas, inclusive da administração, tem-se mostrado ineficiente. Quando os alunos saem para atividades extraclasse (caminhadas interpretativas socioambientais, por exemplo), os pais reclamam (“lugar de estudante é na escola”), o porteiro reclama, a merendeira reclama, os coordenadores e a direção logo acham que a (o) professor (a) “esta enrolando, não quer dar aula”.(DIAS, p.18,2004).

A fala acima exemplifica a realidade que muitos educadores enfrentam no seu dia a dia, dificuldades geradas por não receberem uma formação para trabalhar com a educação ambiental em sala de aula. Além desse tipo de problemas que os

⁶ A Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (**Conferência de Tbilisi**) foi realizada em Tbilisi, capital da Geórgia, CEI (ex-URSS), de 14 a 26 de outubro de 1977, organizada pela Unesco, em cooperação com o Pnuma, e constituiu-se num marco histórico para a evolução da EA. Até o presente momento, a Conferência de Tbilisi é a referência internacional para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental. (DIAS, p.104,2004).

educadores ambientais enfrentam a falta de recursos instrucionais, os materiais didáticos que recebem configuram outro empecilho, de acordo com DIAS (2004):

Muitas publicações que chegam aos professores continuam impregnadas de uma visão preservacionista exclusiva, ingênua e desatualizada cientificamente. Ainda se confunde Ecologia com Educação Ambiental. Com isso, os professores são estimulados a desenvolver atividades reducionistas com seus alunos, a bater na tecla da poluição, do “desmatamento”, do efeito estufa, da camada de ozônio ou então catar latinhas de alumínio e reciclar papel artesanalmente. A ingenuidade ainda é muito grande. (DIAS, p.19,2004).

Ao falarmos na formação dos profissionais da educação em uma perspectiva crítica não se pode deixar de lado as contribuições de Paulo Freire a respeito do tema em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (1996), na qual o autor faz apontamentos que devem ser considerados por aqueles educadores que buscam fazer uma educação libertadora, emancipatória e crítica em suas salas de aula.

Na obra citada Freire elenca e distingue os seguintes saberes necessários à prática educativa: princípio de que não há docência sem discência; ensinar exige rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; o reconhecimento e a assunção da identidade cultural; ensinar não é transferir conhecimento; ensinar exige consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do educado; bom senso; humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; apreensão da realidade; alegria e esperança; a convicção de que a mudança é possível; curiosidade; ensinar é uma especificidade humana; ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos. Tais práticas devem ser observadas também por aqueles que almejam uma educação ambiental crítica e consciente.

Dentre todos os saberes descritos por Freire podemos destacar aqui que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”, porque a prática docente crítica faz

se necessário o “pensar certo”, envolvendo o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o que fazer, sendo fundamental:

[...]na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (1996,p.38)

Para Freire é fundamental na formação permanente dos professores o momento da reflexão crítica sobre a prática. FREIRE *apud* SANTOS (2011) ressalta que um educador tem que ter consciência de que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Uma vez que para ele sua prática não pode ser neutra, pois ela exige uma definição, uma tomada de posição, de decisão, de ruptura, de se escolher entre isto ou aquilo. Para ele, um educador não pode ser a favor de quem quer que seja ou contra quem quer que seja. “Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa” (*Ibidem*, p.102.)

FREIRE (1996) destaca também que “um professor/educador deve ser a favor da decência, da luta contra as discriminações, da liberdade; da esperança, da boniteza de sua prática, e deve ser contra o autoritarismo, a ordem capitalista vigente e a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais”.

Um professor tem que ser a favor de tudo aquilo que vai fazer dele um educador consciente do seu papel social no mundo. E ser contra a ordem capitalista que rege as sociedades, porque um professor tem que ser ético ao ensinar os conteúdos para seus alunos, e ter decência no que faz. Agir sempre com respeito ao educando. Ser coerente no que diz no que escreve e no que faz.(SANTOS, p.33,2011).

Paulo Freire se faz presente em diferentes espaços de aprendizagem e como a EA é objeto destes espaços, para ele a “educação é um processo de engajamento com a realidade e a EA é um processo desta natureza”, encontramos em Freire a perspectiva esperançosa para que os educadores ambientais tenham sua formação baseada em seus pressupostos epistemológicos para a educação,

uma vez que Freire conceitua os homens como “sujeitos que se superam pelo processo de conscientização” e a EA requer este processo.

Freire contribui para entendimento da EA pois inscreve-se em uma perspectiva de “inacabamento do sujeito e do processo de educação” levando-nos a compreender que a EA “crítica e humanizadora é uma prática educativa que se posiciona no campo da concepção transformadora de educação que toma Freire por referência”.(cf. ARAUJO, 1997).

2.3 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Durante os anos em que permaneceu exilado no Chile, Paulo Freire realizou diversas leituras a respeito das correntes filosóficas que influenciavam o pensamento dos teóricos na época. Freire tinha 43 anos de idade quando partiu para o exílio. Retornou quase 16 anos depois. E nesse longo período em que ficou no Chile “se reencontrou com o materialismo dialético e histórico e aprofundou as leituras das obras de Karl Marx e Friederich Engels” (MESQUIDA,2011). De acordo com MESQUIDA (2011), Freire:

...centrou sua atenção sobre aqueles que ele chamava de “oprimidos” do capitalismo periférico, isto é, sobre aqueles a quem a “palavra havia sido negada”. [...] Freire buscou em autores, sobretudo europeus, mas também norte-americanos (Horace Mann, J.Dewey), as ideias que poderiam lhe oferecer elementos teóricos sólidos para construir um “edifício” epistemológico capaz dar sustentação a uma teoria da educação que tivesse condições de nutrir uma prática pedagógica libertadora.

“[...] a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”, é o que diz Freire em sua “Educação como prática da liberdade” (2009), porém para que esta afirmativa faça parte da realidade de nossos educandos nas escolas, é preciso que os professores/educadores sejam sujeitos conscientes de suas práticas, e não fiquem apenas nas discussões de senso comum, a respeito das práxis na educação.

A Educação Ambiental pode ser vista na vida de Freire, em “A importância do ato de ler” quando ele discorre sobre a casa em que nasceu rodeada de árvores, “[...] algumas delas como se fossem gente”, aparentando intimidade entre eles. Suas falas sempre nos arremeteram uma interação entre natureza e homem “[...] no

assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos, na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores [...]” (Ibidem).

ARAUJO(2013) destaca que:

Em *À sombra desta mangueira*, Freire se volta igualmente à natureza e ao seu primeiro mundo: o quintal de casa com suas mangueiras, cajueiros e outras árvores e animais que faziam parte desse universo. Mas não só no contato com a natureza identificamos a EA crítico humanizadora em Paulo Freire. O fazemos também ao longo de sua vida profissional pelo respeito aos estudantes; pelo ensinar a perguntar e pelo viver a pergunta, a indagação, a curiosidade e testemunhá-la; pelo partir sempre da realidade como ela estava sendo e não como ele gostaria que ela fosse. (ARAUJO,2013)

Freire sempre nos mostrou sua íntima relação com os elementos da natureza, seja em sua infância ou em muitos dos países nos quais esteve. E educar para a conscientização, para a transformação do meio e da realidade em que estamos inseridos, também diz respeito de educar para melhorar as nossas relações com o meio ambiente.

O educador ambiental deve ter total consciência de que suas interações com o meio social e educacional possibilitaram novas visões e atuações no mundo. “É traço marcante da pedagogia freiriana o reconhecer os sujeitos da educação como construtores de conhecimento, e não meros consumidores” (ARAUJO,2013). Nessa perspectiva, vivenciar tal pedagogia “é relacionar-se com os sujeitos da educação como seres históricos, situados, de relação, críticos, criativos e curiosos cujos conteúdos da educação emergem da análise da realidade política e social” (SANTIAGO, 2006, p. 76, *apud* ARAUJO,2013).

A seguir se fará o desenvolvimento das referências freirianas para a Educação Ambiental, sendo elas a crítica a concepção bancária, educação problematizadora, concepção de conscientização e consciência de classe, e concepção de diálogo.

2.3.1 CRÍTICA A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DE EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No Chile escreveu seu primeiro livro publicado comercialmente: “Educação como prática da liberdade”, e os originais em português da “Pedagogia do Oprimido”, entre 1967 e 1968, sendo publicados pela primeira vez em 1970. Freire sempre demonstrou amor pelos explorados pelo sistema capitalista, chamados por ele de “oprimidos”, e sempre lutou por uma educação que visasse uma transformação social, e não apenas que depositasse conteúdos para os educandos armazenarem. Essa concepção de educação é chamada por ele de “bancária” no livro “Pedagogia do Oprimido” (2003).

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar às determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos (2003, p.85).

A “Educação Bancária”, descrita por Freire, alicerça-se nos princípios de dominação, domesticação e alienação, transferidos do educador para o educando por meio do conhecimento dado, imposto, alienado. As duras críticas do autor a essa forma de educação é resultado do contexto histórico do período do Regime Militar (1964-1985) que ocorria no país, também são censuras ao sistema econômico Capitalista, vigente em nossa sociedade até os dias de hoje. Tal sistema “bancário” deixa o educando sem voz ativa, conforme Freire *apud* SANTOS (2011). De acordo com Freire, essa prática educativa se dá nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro (2003, p.64).

[...] para que o homem se liberte da alienação, é preciso que haja uma ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. E isso só

seria possível mediante uma educação problematizadora e libertadora, na qual “educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência de mundo” (2003, p.75).

De acordo com FREIRE *apud* SANTOS (2011) a educação para a libertação, conforme Freire, deve privilegiar o exercício da compreensão crítica da realidade e possibilitar não só a leitura da palavra, a leitura do texto, mas também a leitura do contexto, a leitura do mundo:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (2003,p.67).

Somente quando o educando for capaz de ler o mundo e dele obter uma posição de criticidade poderá ser um formador de opinião e não apenas ficar passivo diante dos acontecimentos. Segundo Freire esse é o primeiro passo para a tomada de consciência dos oprimidos, em direção a libertação, o que é alcançado através de uma educação problematizadora, crítica e libertadora. De acordo com SANTOS (2011) Freire explicita que :

... para que o homem se liberte da alienação, é preciso que haja uma ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. E isso só seria possível mediante uma educação problematizadora e libertadora, na qual “educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador bancário”, supera também a falsa consciência de mundo” (2003, p.75).

A educação para a libertação, conforme Freire, deve privilegiar o exercício da compreensão crítica da realidade e possibilitar não só a leitura da palavra, a leitura do texto, mas também a leitura do contexto, a leitura do mundo:

...educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se

numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (Ibidem, p.67).

O homem deve problematizar o mundo, para adquirir a consciência de estar no mundo e relacionando-se com ele, e não apenas sendo um depósito de conteúdos.

Tais concepções são relevantes ao se falar de uma formação crítica, problematizadora e emancipatória de educadores ambientais, pois se almeja que busquem a conscientização e a formação crítica de seus educandos.

2.3.2 CONCEPÇÃO EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Na mesma obra já citada “Pedagogia do Oprimido” (2003) Paulo Freire, ao descrever a “educação problematizadora” expõe o papel do educador problematizador como sendo: “... o de proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento no nível da doxa pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do logos” (2003, p.70). A educação é uma ferramenta, é meio para que os educandos consigam chegar a consciência de que suas ações estão interligadas com as ações do mundo, e de as suas ações podem transformar o mundo.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. Em resumo: a teoria e a prática bancária, enquanto forças de imobilização e de fixação, não reconhecem os homens como seres históricos; a teoria e a prática críticas tornam como ponto de partida a historicidade do homem. (FREIRE, 1979,p. 42).

O educador problematizador deve refazer constantemente seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos, segundo Freire. Ele também não é um sujeito cognoscente em um, e como também não é sujeito narrador do

conteúdo. Mas é sempre um sujeito cognoscente, quer quando se prepara, quer quando se encontra dialogicamente com os educandos (2003, p.69).

Ser um problematizador em sua prática educativa faz com que os educandos passem a ter mais de uma visão a respeito de um tema, de uma ideia que lhes é apresentada. O educador que não questiona, que não faz pensar no assunto diante de uma fala dita como a verdade, não leva ninguém a ter uma visão ampla a respeito do que se diz. Problematizar instiga os educandos a serem críticos diante de determinados fatos.(cf. SANTOS, 2011).

A educação problematizadora não deve e não pode servir aos interesses do opressor. Nenhuma ordem opressiva poderia permitir aos oprimidos começarem a questionar-se “por quê?”. Já que somente uma sociedade revolucionária pode praticar esta educação de forma sistemática, os líderes revolucionários não devem assumir plenos poderes antes de estarem capacitados para aplicar o método. No processo revolucionário os líderes não podem utilizar o método bancário como medida transitória, justificada pela necessidade da causa, com intenção de conduzir-se mais tarde de modo verdadeiramente revolucionário.(FREIRE, 1979,p. 42).

Da mesma forma, o educador ambiental deve ser um problematizador, fazer com que educandos tenham mais de uma visão a respeito dos “desastres ambientais, da crise ambiental” que são temas de muitas conversas quando se fala sobre o meio ambiente. A ação problematizadora em sala de aula instiga os educandos a lerem o mundo, a pensar com criticidade sobre os fatos.

2.3.3 CONCEPÇÃO DE CONSCIENTIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE CLASSE NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ao se discutir os pressupostos freirianos que influenciaram e influenciam o modo de pensar de muitos educadores, que possuem conhecimentos sobre suas obras, não se pode deixar de estabelecer as relações existentes entre “conscientização” e a “consciência de classe”. Analisaremos a seguir estas duas categorias, as quais são expostas na obra “Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” (1979).

Embora Freire diga que não inventou o vocábulo “conscientização”, foi o grande divulgador dos conceitos, centrais em suas falas sobre educação.”Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”.(1979, p.15).

Para que se aconteça uma educação libertaria é fundamental que “os homens sejam capazes de agir conscientemente sobre a realidade”, Freire diz ainda que:

Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente a realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. (Ibidem, p.15).

A conscientização é um compromisso histórico, uma vez que ela também é histórica, e faz com que “os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo”, e está baseada na relação consciência – mundo. Segundo FREIRE (1979) “a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico””. Explicando sua forma de ver a “utopia” ele descreve:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. (Ibidem, p.16).

Paulo Freire acredita que a conscientização está ligada a utopia, e faz parte da utopia. Aquele que é consciente está capacitado para ser um anunciador e denunciador, pois assumiu um compromisso com a transformação. Ainda o

educador ambiental deve ter uma postura de conscientização, visando uma educação que busque a tomada de consciência e a atitude crítica, que vise a libertação e não a submissão. A concepção de liberdade da qual Freire expõe “é a matriz que dá sentido a uma educação que não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica.” (*Ibidem*, p.27).

A mudança social e a construção de uma nova sociedade sempre foi o objetivo de se buscar a conscientização do homem iletrado, do homem do povo brasileiro, Freire sempre acreditou na transformação da realidade. Freire almejava que o homem simples tivesse consciência da:

- existência de dois mundos, o da natureza e o da cultura;
- o papel ativo do homem na realidade e com ela;
- o papel de mediação, que joga a natureza nas relações e nas comunicações entre os homens;
- a cultura como resultado de seu trabalho, de seu esforço criador e recriador;
- a cultura como aquisição sistemática da experiência humana;
- a cultura como incorporação – crítica e criadora – e não como uma justaposição de informações ou de prescrições superadas;
- a democratização da cultura como dimensão da democratização fundamental;
- a aprendizagem da leitura e da escrita como chaves com as quais o analfabeto começará sua introdução no mundo da comunicação escrita;
- o papel do homem, que é o de sujeito e não de simples objeto. (*Ibidem*, p.28).

Segundo FREIRE (1979, p.28) “somente dessa forma o homem se reconheceria como autor do mundo e criador de cultura, uma vez que as relações entre os homens não podem ser de dominação e de transformação como são tais relações do homem com a natureza, mas devem ser relações entre sujeitos”.

Nesta mesma obra já citada, o autor também esclarece a “práxis da libertação”, elencando as condições necessárias para que se chegue a “conscientização das classes”, neste caso a dos oprimidos.

Conforme FREIRE (1979), durante a fase inicial do processo de libertação, os oprimidos tendem a se converterem em opressores ou em “subopressores”, porque o seu ideal de homem é ser homem opressor, mesmo tendo a consciência de que são pisados, a realidade opressiva faz que não tenham uma percepção clara de si mesmos. “Em sua alienação, os oprimidos querem a todo

custo parecer-se com o opressor, imitá-lo, segui-lo”. Os oprimidos são emocionalmente dependentes do seu opressor, e essa dependência faz com que não sejam capazes de contrariar as ações tomadas por seu dominador.

O desenvolvimento está ligado ao processo de libertação das sociedades dependentes, enquanto a ação modernizante caracteriza a situação concreta de dependência”, está “situação-limite” deve ser superada pelos países subdesenvolvidos para que possam ser “seres para si mesmos”, deixando assim a “cultura do silêncio”. (FREIRE, 1979).

A sociedade que esta sob o domínio do opressor não tem a consciência de que se encontra nestas condições, para Freire:

Um tipo de consciência corresponde à realidade concreta destas sociedades em estado de dependência. Uma consciência historicamente condicionada pelas estruturas sociais. A principal característica desta consciência – tão dependente como é a sociedade da estrutura a que se conforma – é sua “quase-aderência” à realidade objetiva ou sua “quase-imersão” na realidade. A consciência dominada não se distancia suficientemente da realidade para objetivá-la, a fim de conhecê-la de maneira crítica. A este tipo de consciência chamamos “semi-intransitiva”. A consciência semi-intransitiva é característica das estruturas fechadas. Dada sua quase-imersão na realidade concreta, não percebe muitos dos desafios da realidade, ou percebe-os de uma maneira deturpada. (*Ibidem*, p.35)

A elite da sociedade dominadora sempre vai buscar manter as classes oprimidas dentro de uma falsa transformação da realidade, pois necessitam manter o “status-quo”, apenas permitira transformações superficiais, visando “impedir toda mudança real em seu poder de dominar”, de acordo com Freire (1979).

Nas sociedades em que a dinâmica estrutural conduz à escravização das consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Porque, pelo duplo mecanismo da assimilação, ou melhor, da introjeção, a pedagogia que impõe-se às classes dominadas como “legítima” – como fazendo parte do saber oficial – provoca ao mesmo tempo o reconhecimento por parte das classes dominadas da “ilegitimidade” de sua própria cultura. (*Ibidem*, p.35).

Para Freire, a opressão está dentro do sistema de ensino, onde a ação pedagógica contribui para que haja um abismo entre as classes, usando de um pretexto de “integrar socialmente” os educandos. Os oprimidos não necessitam de uma pedagogia para si mesmos, e sim de uma “pedagogia do oprimido”, que saia

dele mesmo. A “pedagogia do oprimido” o levaria a tomada de consciência, ou seja, a conscientização.

Aqueles que estão “conscientizados” apoderam-se de sua própria situação, inserem-se nela para transformá-la, ao menos com seu projeto e com seus esforços. Portanto, a conscientização não pode pretender nenhuma “neutralidade”. Como consequência que é da educação, demonstra que esta também não poderia ser neutra, porque se apresenta sempre, queiramos ou não, como “a forma própria de uma ação do homem sobre o mundo”. (*Ibidem*, p.40).

Não deve existir neutralidade na educação, muito menos os educadores podem ser neutros, pois são eles que conduzirão os homens a libertação. Todavia o educador ambiental também não pode ser neutro diante de fatos que podem mudar a história do homem na terra, ele deve ser consciente criticamente para levar os educandos a se questionarem sobre a crise ambiental, recursos naturais, efeito estufa, sustentabilidade, catástrofes ambientais e sobre tudo o que se fala a respeito da ação do homem sobre a natureza. Após questionarem a si mesmo terão capacidade de questionar a sociedade em que vivem, gerando atitudes que venham a contribuir para se evitar uma degradação maior do meio ambiente.

2.3.4 CONCEPÇÃO DE DIÁLOGO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para Paulo Freire o diálogo é um ato de amor, amor aos homens e ao mundo, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não se é possível o diálogo”(FREIRE, 2003). O diálogo é uma relação horizontal, que se nutre de amor, humildade, esperança, fé e confiança. E uma das virtudes do diálogo consiste no respeito aos educandos, não somente enquanto indivíduos, mas também enquanto expressões de uma prática social, FREIRE (2003) *apud* SANTOS (2011).

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço *outros eu*? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar se parto de que a *pronúncia* do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal

de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho á contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? (*Ibidem*, p.80-81). (*itálico no original*)

Um educador ambiental que não dialoga, não ama o mundo, e não amando o mundo como será capaz de conscientizar a respeito de como todos nós devemos amar o mundo, o meio ambiente, os recursos naturais do planeta?

Para que os educadores/professores sejam capazes de estabelecer o diálogo em suas relações, no dia a dia, em sala de aula, é necessário que sejam dialógicos. “O diálogo começa na busca do conteúdo programático; para o educador-educando, dialógico e problematizador, o conteúdo programático não é uma doação ou imposição, e sim a devolução organizada, sistematizada e acrescentada do povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”. (VILLA, 2007).

Freire define o que é ser dialógico em seu livro “Extensão ou Comunicação?” (1992). Ser dialógico não é se dizer descomprometidamente dialógico, é vivenciar o diálogo.

Ser dialógico não é invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria á existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si” (1992, p.43).

Para que a educação em si, seja dialógica, educadores/professores desempenham um importante papel, pois suas ações em prol do diálogo vão fazer com que seus educandos saiam de uma posição inicialmente ingênua, e passem a problematizar os diálogos que acontecem a sua volta, uma vez que e o diálogo problematizador não depende do conteúdo que vai ser problematizado, pois “o papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador/educando, educando/educador, a organização de um pensamento correto em ambos”. (*Ibidem*, p.53).

FREIRE (2003) enfatiza que tudo pode ser problematizado através do diálogo, e o educador/professor que não a utiliza rejeita a educação gnosiológica, fazendo-se assim da educação apenas transferência de “conhecimentos”, e o seu trabalho se configura numa espécie de assistencialismo educativo.

Assim como existe a educação que visa o diálogo (dialógica), também existe aquela onde a ação anti – dialógica é a que reina, e para Freire esta ação é opressora e manipuladora, que tem apenas o intuito de dividir para conquistar, mantendo a opressão, “na medida em que as minorias, submetidos às maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder” (*Ibidem*, p.138).

Não vamos nos estender aqui em conceituar mais profundamente tais concepções do pedagogo, todavia segue tabela, onde as ações são colocadas de formas distintas:

Teoria Antidialógica	Teoria Dialógica
Necessidade da conquista	Necessidade da conquista
Divisão para dominação	União
Manipulação	Organização
Invasão cultural	Síntese cultural

Tabela 2: AÇÕES DIALÓGICAS E ANTIDIALÓGICAS NA CONCEPÇÃO DE FREIRE.

Para ser um educador ambiental comprometidamente dialógico é fundamental que se exercite o diálogo na educação, que possibilite ao educando construir seu conhecimento através de questionamentos e debates, mas o diálogo não pode se restringir a um simples intercambio de ideias, e sim numa efetiva construção de conhecimento e aprendizagem.

Freire sofreu grandes influencias da corrente filosófica elaborada por Karl Marx e Friedrich Engels denominada materialismo histórico dialético, ao elaborar seus pensamentos pedagógicos para uma educação votada para a transformação

da sociedade e para a tomada de consciência dos educandos a respeito do mundo que o cerca. No capítulo que segue se descreverá as aproximações existentes entre os pressupostos freirianos e do materialismo histórico dialético.

3 APROXIMAÇÕES ENTRE OS PRESSUPOSTOS FREIRIANOS E O MATERIALISMO HISTÓRICO DIÁLETICO

Karl Marx e Friedrich Engels elaboraram a corrente filosófica denominada de Marxismo (Materialismo Histórico Dialético), a qual consiste num conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais. Essa teoria procura compreender a vida social conforme a dinâmica da luta de classes econômicas e sociais, e prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento histórico de seu sistema produtivo.

O marxismo veio influenciar muitos setores da atividade humana no século XX a exemplo da política e da prática sindical, além da análise e interpretação de fatos sociais, morais, artísticos, históricos e econômicos. O Estado para Marx consiste num instrumento na qual uma classe domina e explora outra classe. Dessa forma o Estado seria necessário para proteger a propriedade e adotaria qualquer política de interesse da burguesia. (CHAUÍ, 2006).

De acordo com SILVA (2012) “Marx parte do pressuposto de que o conhecimento é determinado pela matéria, pelo mundo que existe independentemente do homem”, sendo assim:

A concepção materialista carrega em sua base uma concepção da natureza e da relação do homem com a natureza. O homem é um ser social porque foi criado pela própria natureza, porque está submetido a leis que são naturais, porque depende da natureza, da sua transformação para sobreviver. O homem é compreendido como ser genérico que opera sobre o mundo, sobre os outros homens e sobre si mesmo. Mas o homem não busca apenas a sua sobrevivência, busca a transformação de si mesmo e da natureza, e é capaz de fazê-lo porque se reconhece e reconhece o outro neste processo. A sua produção não é determinada unicamente por suas necessidades imediatas, mas também segundo as necessidades mediatas. (SILVA, p. 32, 2012).

Dentro de uma perspectiva marxista a EA é vista como uma correlação entre o homem e a natureza, natureza esta que ele modifica de acordo com suas necessidades sociais, na busca não só da sobrevivência, mas para a satisfação de suas necessidades.

Pensando em uma EA emancipatória SILVA (2012) explicita que ela tem apoio no método marxista do materialismo histórico dialético, baseando-se nas

análises e interpretações das seguintes categorias: totalidade, concreticidade, historicidade e da contraditoriedade, pensadas e compreendidas de forma dialética, sendo assim :

A DIALÉTICA – lógica de pensamento em movimento; MATERIALIDADE – compreensão de como os homens se organizam em sociedade e nos grupos para a produção e re(produção) da vida; HISTORICIDADE – se expressa pela compreensão de que os homens veem se organizando de forma diferente através dos tempos. Assim o pensamento MARXISTA fundamenta a análise da sociedade pensamento a educação indissociável do processo de transformação social e da realização dos sujeitos em sociedade (cidadão planetário). (SILVA, p. 33, 2012)

Assim como Marx, Paulo Freire também nos mostra em diversas de suas obras, a sua concepção de que a educação é o único meio pelo qual o homem pode transformar o meio em que esta inserido e a sociedade que está ao seu redor.

Remetendo-se a Marx, Freire (2005) entende que a tarefa dos homens é transformar a realidade opressora, esta última que se constitui como mecanismo de imersão das consciências. Libertar-se dessa força exige a emersão dela, à volta sobre ela, por meio da práxis autêntica, entendida como a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo e, principalmente, a questão da inserção crítica das massas populares na realidade. (VILLA,

De acordo com SILVA (2012) o materialismo histórico tem as seguintes características:

- Movimento de pensamento pela materialidade histórica da vida do homem em sociedade;
- Compreensão de leis fundamentais que definem a forma organizativa do homem através dos tempos.
- Compreensão do CONCRETO com base no empírico (realidade imediata, aparente, prática) para alcançar o CONCRETO (essencial, pensado).

Muitas são as aproximações entre os escritos de Paulo Freire e a teoria marxista, uma vez que já foi explanado neste trabalho a respeito das influências sofridas pelo pedagogo em suas concepções pedagógicas. A seguir a pesquisadora elencará os pontos em que as aproximações acontecem.

De acordo com MICHELS (2011):

A influência do marxismo sobre o pensamento de Paulo Freire é demonstrada em vários escritos quando apresenta o antagonismo existente na sociedade capitalista. Sua preocupação é revelar os problemas gerados pelo abuso de poder existente quando há um opressor/oprimido. Há sempre

a crítica as atitudes unidirecionais,[...]

A teoria marxista caracteriza-se como um materialismo histórico, pois se manifesta como “uma explicação do processo histórico a partir das relações de produção material da sociedade”, onde “a realidade social é explicada como dialética no sentido de ser uma construção humana que, ao mesmo tempo, condicionam a formação dos homens”.(MICHELS, 2011).

Ao falarmos dos pressupostos freirianos para a educação, não podemos desconsiderar as influências que o pedagogo sofreu ao realizar estudos e leituras dos escritos do intelectual italiano Antônio Gramsci⁷.

MESQUIDA (2007) nos expõe algumas das influências das bases epistemológicas de Gramsci existentes entre a teoria e prática de Freire, lembrando que “Freire centrou sua atenção sobre aqueles que ele chamava de “oprimidos” do capitalismo periférico, isto é, sobre aqueles a quem a “palavra havia sido negada”; Gramsci centrou sua reflexão e sua ação, particularmente, sobre os operários italianos e sobre os que sofriam a opressão facista na Itália”.

MESQUIDA (2007) apresenta as proximidades entre as ideias e as práticas de Gramsci⁸ e Freire, analisando os conceitos de: meio; escola e vida; educação para a liberdade; círculos de cultura; hegemonia e a formação de uma consciência crítica; filosofia e filósofos; verdade e revolução; marginalizados rurais e os marginalizados urbanos.

Neste trabalho nos atentaremos apenas nas análises que dizem respeito a educação (meio, da escola e vida e da educação para a liberdade).

Ao falar sobre o meio, Gramsci observa que o meio é educador e como tal deve também ser educado, sob a visão de Marx afirmando que o educador deve ser educado. “Para Gramsci, as relações sociais das quais os educandos participam, a

⁷ Fundador do Partido Comunista Italiano que morreu em 1937 após 11 anos de cativeiro numa prisão fascista, são cada vez mais reconhecidos em estar – juntamente com os trabalhos contemporâneos da Escola de Frankfurt – entre as mais importantes contribuições teóricas para o Marxismo desde Marx e Engels. [...] Gramsci foi sensibilizado para a dimensão subjectiva da ação social subjacente nas categorias teóricas de Marx e, portanto, não foi tentado a reduzir a sua análise do capitalismo apenas à política econômica. (MORROW, 2004).

⁸ Em relação à educação, os escritos de Gramsci desenvolveram-se em torno de três temas: (1) o papel da educação como parte do processo da formação da hegemonia cultural nas sociedades capitalistas burguesas; (2) as possibilidades de educação formal e não-formal como lugares de formação de consciência revolucionária, contra-hegemônica anterior a qualquer transição revolucionária; e (3) os princípios que devem fundamentar a pedagogia socialista de uma sociedade pós-revolucionária. (MORROW, 2004).

família, os vizinhos, a comunidade devem também ser objeto da ação educativa”.

Assim, o educador precisa levar em conta o contexto social e cultural dos educandos. É necessário, pois, que o educador entenda o contexto, mas também é importante que o meio possa escutar o educador. Isso leva o educador a valorizar o saber popular, pois o educador, como intelectual, “compreende, sabe e sente”, enquanto o homem “simples” das massas segue o caminho inverso: “sente, compreende e sabe”.(MESQUIDA,2007).

Freire sempre ressaltou em suas obras a importância de se levar em consideração o meio em que os educandos estão inseridos, e que essas relações devem ser consideradas por educadores/professores em suas práticas. “O meio oferece ao educador os elementos sócios antropológicos em forma bruta que o educador devolve ao meio, pela ação pedagógica, carregados de densidade epistemológica. São as “palavras geradoras”, originadas do meio onde vivem os educandos” (MESQUIDA, 2007) que farão toda a diferença em seu aprendizado.

Expondo a respeito da escola e da vida tanto Freire quanto Gramsci acreditam que as duas não podem ser separadas, “a escola, a vida do educador e a do educando são inseparáveis”, e onde a educação é baseada na palavra, a vida e a escola não podem ser separadas.(cf. MESQUIDA, 2007). FREIRE (1979) ressalta que aqueles que tiveram o direito a palavra negado (oprimidos), ao conquistarem a palavra (dialogarem entre si e com o mundo) tornam-se autores de sua história.

Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.[...] diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. (FREIRE, p. 42).

De acordo com MESQUIDA (2007) ao se falar da educação para a liberdade, Gramsci “pensava que era preciso formar o homem para que ele fosse “capaz de pensar, de governar e de controlar aqueles que governam”. Assim, a escola poderia não somente “formar o cidadão, no sentido do Iluminismo, mas também o cidadão com condições políticas de governar””.

Para Freire, os oprimidos tiveram sua consciência moldada pelos opressores, sendo assim incapazes de “pensar por si mesmos”, abrigando em si a

consciência do opressor, desta forma “a educação pode ser a força libertadora do oprimido – dos oprimidos – pois “o homem não se liberta sozinho”, e a educação é, por natureza, é comunitária. Dentro desta perspectiva a tarefa do educador ambiental não é a de transferir o saber, mas deve fazer com que a educação seja comunicativa, pois “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”, (cf. FREIRE, p. 46, 1983) visando a construção de uma consciência crítica nos educandos.

4 PESQUISA DE CAMPO

O presente trabalho teve por objetivo geral identificar como a educação ambiental tem sido operacionalizada no Centro municipal de Educação Infantil (CMEI) Helena Kolody no município de Pinhais. Este objetivo foi alcançado através da aplicação de um questionários aos professores/educadores atuantes na unidade de ensino, tendo como objetivos norteadores a análise do planejamento da escola sobre a temática da educação ambiental; identificar junto aos/as professores/as a operacionalização do planejamento em sala de aula; elencar a base teórica de referência para fundamentar o trabalho de Educação Ambiental, a partir dos conceitos centrais que mediam a ação, com base em uma educação crítica, libertadora e problematizadora.

4.1 METODOLOGIA

Após a reunião de todos os dados e informações necessárias à montagem do corpus da pesquisa, os mesmos receberam o tratamento científico da objetividade, da exatidão, da logicidade, da clareza, da precisão e da conclusão. O que permitirá a redação final do trabalho de conclusão de curso, respeitando-se as três grandes partes de todo trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na sequência, trabalhar-se-á de forma crítica/analítica/interpretativa os dados levantados, visando harmonizá-los ou confrontá-los de forma lógica e sistematizada.

A leitura analítica possibilita a obtenção de respostas ao problema da pesquisa. Identifica as intenções do autor, contudo tais ideias não podem ser julgadas pelo pesquisador.

4.2 TIPO DE DELINEAMENTO

Inicialmente foi realizada a análise dos livros, e em seguida foi realizada uma intervenção, na forma de orientações a respeito de como se realizar conversas e

debates em sala de aula, com a temática EA, almejando a conscientização dos educandos a respeito dos problemas ambientais pelos quais o planeta vem passando.

Tais orientações foram ministradas aos professores/educadores nos dias em que estavam realizando sua Hora Atividade.

4.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados da primeira parte da pesquisa foi realizada através de um questionário, aplicado aos vinte professores atuantes na Educação Infantil do CMEI Helena Kolody, do Bairro Atuba, no município de Pinhais. O questionário foi respondido online pelos pesquisáveis, o qual foi disponibilizado através de e-mail, utilizando a ferramenta de formulários do Google Doc. O uso do questionário estruturado em pesquisas facilita a tabulação dos dados e a análise quantitativa e qualitativa das respostas.

O questionário possibilitou a análise do objetivo geral da pesquisa, o qual foi identificar como a educação ambiental tem sido trabalhada no Centro municipal de Educação Infantil Helena Kolody no município de Pinhais.

Segundo Cervo e Bervian (1996), o questionário é a mais utilizada técnica de coleta de dados.

Tecnicamente falando, o questionário constitui um meio de obter respostas sobre determinado assunto de maneira que o respondente forneça as informações de seu domínio e conhecimento. Um questionário compreende uma série de perguntas ordenadas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador. Todo questionário deve ser impessoal, para assegurar a uniformidade na avaliação da situação (1996, p.56).

Optou-se pelo questionário estruturado (com perguntas diretas e uma indireta) por ser o instrumento mais usado para coletar informações, pois possibilita medir com melhor precisão o que se pretende que seja respondido.

Já a segunda parte da pesquisa foi realizada via entrevista focalizada⁹, esta

⁹ A entrevista focalizada é de forma livre, todavia, enfoca um tema bem específico, quando, ao entrevistado, é permitido falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador para

segunda parte foi com relação ao entendimento que os professores/educadores possuíam com relação aos pressupostos freirianos para uma educação problematizadora, libertária e crítica. Segundo JUNIOR (2011) a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas por pesquisadores para a coleta de dados.

[...] a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas.(SALVADOR (1980) *Apud* RIBEIRO (2008) *Apud* JUNIOR (2011)).

4.3 TIPO DE ABORDAGEM

A abordagem metodológica foi de cunho quantitativo e qualitativo. Na pesquisa quantitativa, o pesquisador não deve se envolver com o objeto da pesquisa, além de se utilizar de procedimentos rigorosamente empíricos, buscando o máximo de objetividade possível no estudo realizado.

Sendo assim, a visão crítica do mundo do pesquisador constitui um ponto muito importante. Segundo Malhotra (2001, p. 155), “a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplicar alguma forma de análise estatística”.

Já a pesquisa qualitativa é analisada essencialmente como sendo de campo, por quanto, nas ciências sociais, a maioria dos estudos está relacionada a fenômenos de grupos ou sociedades, motivo pelo qual o investigador deve agir no local do objeto de estudo. Araújo e Oliveira (1997) sintetizam a pesquisa qualitativa como sendo um estudo que:

... se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (1997, p. 11).

A pesquisadora realizará a análise quanti-quali da pesquisa científica em questão.

retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se.(JUNIOR,2011).

4.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Após os professores/educadores terem respondido (on-line) o questionário, a pesquisadora analisou as respostas, fazendo uma interpretação comparativa entre elas, descartando-se o que era desnecessário, tais como, respostas que não se encaixavam no contexto da pergunta, e levantaram-se as informações necessárias para solidificar a teoria.

4.5 AVALIAÇÃO e ANÁLISE CRÍTICA

Neste capítulo a pesquisadora efetuará uma avaliação/análise crítica, produzindo, assim, o relatório final das atividades, apresentando os resultados esperados e os indicadores de verificação dos resultados previstos no plano de trabalho da matriz de planejamento. Dessa forma, elaborando uma avaliação qualitativa e quantitativa com base nos resultados alcançados.

4.5.1. ANÁLISE DA PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR DO MUNICÍPIO DE PINHAIS (PR) E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA UNIDADE DE ENSINO QUANTO A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Na Educação Infantil é onde os educandos tem o primeiro contato com a educação formal, é neste espaço educacional que a criança vai aprender a interagir com o meio em que vive. Toda a comunidade escolar deve se envolver com os problemas sociais e ambientais de seu entorno, só assim questões que são comuns a todos podem ser solucionadas com facilidade.

A Proposta Pedagógica Curricular para Educação Infantil (2010) do município de Pinhais propõe conteúdos relacionados à temática Meio Ambiente. Tais conteúdos estão dentro do eixo Relação com o Mundo Físico e Natural, são eles: meio ambiente; objetos e processos de transformação; seres vivos (ser humano, plantas e animais); os quatro elementos; fenômenos e componentes naturais;

exploração do espaço físico.

De acordo com a Resolução Nº 05, de 17 de dezembro de 2009, do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica, as práticas pedagógicas nas unidades de educação infantil devem promover a “interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”, no que diz respeito às temáticas ambientais. Sendo assim, a Proposta Pedagógica Curricular para Educação Infantil (2010) do município de Pinhais (PR) nos diz que “o contato com o mundo físico e natural permite ao educando construir conhecimentos práticos sobre o seu entorno, à medida que percebe a existência de objetos, seres vivos e não vivos, transformações no meio ambiente, dentre outros, indagando sobre eles”.

O documento também define quais devem ser os objetivos propostos nos planos de aula dos professores para o eixo “Relação com o Mundo Físico e Natural”, a serem alcançados pelos educandos das turmas de berçário, maternais I e II e Pré I e II, conforme anexo nº1, tabelas 1 e 2. Sugestões de encaminhamentos metodológicos também são apresentados.

O Projeto Político Pedagógico da instituição em seu Marco Conceitual, no tópico “Parte Diversificada da Matriz Curricular”, trás uma visão simplista, de senso comum, a respeito da Educação Ambiental e do Meio Ambiente, apresentando uma fala superficial da temática sustentabilidade, conforme veremos a seguir:

A questão ambiental é muito discutida atualmente por uma razão simples: necessidade de sobrevivência. Por isso quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação. Por isso, acreditamos que a educação para uma vida sustentável deve começar já na Educação Infantil. O objetivo definido pelo Referencial Curricular Nacional é observar e explorar o meio ambiente com curiosidade, percebendo-se como ser integrante, dependente, transformador e, acima de tudo, que tem atitudes de conservação. (PPP, p.53,2012).

O PPP ressalta que as crianças pequenas interessam-se por diversos temas, nos quais a Educação Ambiental pode ser trabalhada, tais como: “pequenos animais, bichos de jardim, dinossauros, tempestades, animais selvagens, animais marinhos, flores. E com posse dessa informação a unidade de ensino “oportuniza as crianças do CMEI o contato com diferentes elementos, fenômenos e acontecimentos

do mundo, para que sejam instigadas a observá-los e explicá-los e tenham acesso a modos variados de compreendê-los e representá-los.” O documento também evidencia qual é a prática educativa que deve ser incorporada pelos professores, dizendo que:

[...] nosso trabalho com os seres vivos e suas intrincadas relações com o meio oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem e de ampliação da compreensão que a criança tem sobre o mundo social e natural. A construção desse conhecimento também é uma das condições necessárias para que as crianças possam, aos poucos, desenvolver atitudes de respeito e preservação à vida e ao meio ambiente, bem como atitudes relacionadas à sua saúde. Entendemos, também, que em um espaço externo bem organizado, as crianças trabalham a colaboração, aprimoram a capacidade motora e exploram a natureza. (PPP, p.54, 2012).

4.5.2 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Foram respondidas cinco questões, sendo as quatro primeiras fechadas e a quinta aberta (conforme anexo nº1),dezenove professores/educadores responderam o questionário da pesquisa, dentre os quais 63,1% possuem Ensino Médio com Magistério e 36,8% Ensino Superior.Na primeira pergunta responderam a respeito de como se dá o planejamento da EA na instituição, 63,1% disseram que cada turma faz o seu planejamento de acordo com o interesse dos educandos. 26,3% responderam que não existe nenhum planejamento, e 10,5% disseram que existe um planejamento e que todas as turmas o seguem.

Ao responderem sobre como se dá o debate sobre a EA no cotidiano da sala de aula 47,3% reponderam que os professores/educadores trazem os temas disparadores para os educandos debaterem, 26,3% disseram que ocorre o debate apenas no senso comum, e 26,3% falaram que não ocorre nenhum debate sobre o tema.

A terceira questão dizia respeito sobre quais seriam os conceitos que mediam o debate na escola e na sala de aula, os conceitos mais citados foram os seguintes: 57,8% seres vivos, 52% meio ambiente, 21% exploração do espaço físico, 15,7% objetos e processos de transformação do meio, e 21% não apontaram nenhum dos conceitos elencados na pergunta.

A última questão fechada questionava-os a respeito de qual seria a compreensão dos/as professoras/educadoras a respeito da EA, 47,3% responderam que conhecem o assunto, outros 47,3% disseram que apenas conhecem o tema de senso comum, e 10,5% responderam que não conhecem nada sobre o tema.

A questão aberta questionava-os a respeito de quais seriam as dificuldades e as facilidades para se trabalhar com a EA em sala de aula, as respostas que mais constaram sobre as dificuldades e facilidades apontadas pelos educadores/professores foram as seguintes:

Dificuldades	Facilidades
Não conhecem a proposta curricular do município para o tema, e nem o PPP da instituição em que atuam;	O tema é muito amplo, gerando um leque imenso de possibilidades de trabalho;
Falta formação específica na área, conhecemo assunto apenas no senso comum;	Os educandos gostam de realizar atividades com a terra e plantas.
Falta de tempo e de interesse dos professores/educadores em trabalhar o tema em sala de aula e da comunidade escolar em geral;	
Falta de espaço físico nas unidades de ensino e falta de material didático;	
As salas de aulas possuem muitas crianças (26 a 28 por turma), impossibilitando o trabalho com todas.	

Tabela 3: QUAIS SERIAM AS DIFICULDADES E AS FACILIDADES PARA SE TRABALHAR COM A EA EM SALA DE AULA?

4.5. 3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com dez professores/educadores, abordando questões sobre Paulo Freire e Karl Marx.

Com relação a Paulo Freire foi feitas cinco perguntas, conforme Anexo nº 2.

A primeira pergunta foi (Já ouviu falar sobre o professor/educador Paulo Freire?), dentre os entrevistados 100% disse já ter ouvido falar do professor/educador. Em seguida foi perguntado se já haviam lido alguma das obras do autor, 80% disseram que sim e 20% não. Entre as obras citadas pelos professores/educadores destacam-se: Pedagogia do Oprimido, A Importância do Ato de Ler, Educação e Mudança, Educação como Prática da Liberdade, Alfabetização, Pedagogia da Autonomia e Professora sim, Tia não.

Na questão seguinte, os entrevistados foram questionados com relação ao entendimento que possuíam com relação a educação bancária, educação problematizadora e a educação libertária, exploradas e defendidas por Freire em suas falas. O esquema a seguir tenta sintetizar as respostas dos entrevistados.

EDUCAÇÃO BANCÁRIA	EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA	EDUCAÇÃO LIBERTADORA
O aluno só recebe os conteúdos (memorização);	É uma interação (o que aluno sabe é aproveitado pelo professor);	É aquela que dá espaço para o diálogo entre professor e aluno em sala de aula;
O professor apenas transmite seu conhecimento para os alunos;	É uma educação de mão dupla, professor e aluno aprendem ao mesmo tempo;	É uma educação que visa investigação, tematização e problematização;
O professor transmite e o aluno absorve;	Professor e aluno resolvem os problemas juntos;	
	O professor instiga o aluno a pensar sobre o tema discutido de forma dialógica, sem autoritarismo.	

Tabela 4: SÍNTESE DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES/EDUCADORES.

Na sequência os entrevistados foram questionados com relação ao filósofo Karl Marx. A primeira pergunta foi se o professor/educador já ouviu falar a respeito de Marx. Onde 100% dos entrevistados disseram ter ouvido falar do teórico. Logo em seguida foi lhes perguntado se sabiam algo sobre a corrente filosófica defendida por Marx e Engels e sobre o que ela abordava/defendia/pregava, as respostas que mais se encaixam na base da pesquisa em questão sequeem no quadro abaixo:

Corrente Filosófica:	Abordava/defendia:
Socialismo	Contrários ao capitalismo;
Marxismo	Transformação através do trabalho;

Tabela 5: RESPOSTAS DOS PROFESSORES/EDUCADORES A RESPEITO DAS CORRENTES FILOSÓFICAS DO MARXISMO.

5 RELATO DA INTERVENÇÃO

A intervenção foi realizada em dois momentos distintos com os professores/educadores da instituição de ensino público, realizou-se em uma roda de conversa, direcionada pela pesquisadora.

Inicialmente foram apresentados os resultados das análises feitas nos materiais de apoio ao ensino, projeto político pedagógico e proposta pedagógica curricular, ambas análises já descritas neste trabalho.

A medida em que a pesquisadora apresentava os resultados os professores/educadores concordavam com a sua explanação com as seguintes frases: Professor (A) – “concordo com sua análise, realmente os materiais que deveriam nos auxiliar, ou até mesmo trazer uma visão mais específica do tema é mal elaborado”; Professor (B) – concordo com você, nosso PPP é bem “fraquinho”.

Em seguida lhes foi apresentado o resultado da análise do questionário por eles respondido a respeito de como se efetiva a EA dentro do espaço escolar. Durante a fala da pesquisadora os professores/educadores aparentaram grande surpresa em saber que 26,3% de seus colegas disseram que o debate sobre a EA ocorre apenas no senso comum. Com relação a pergunta que dizia respeito aos temas da EA que mais são abordados por eles em sala de aula, todos concordaram com o que foi apresentado, onde os temas mais citados foram, com 57,8% seres vivos, 52% meio ambiente. Segue algumas falas dos professores/educadores: Professor (A) – “Pior que é isso mesmo, sempre tem alguém que faz projetos abordando algum tipo de bicho”; Professor (B)- “O professor vai por aquilo que as crianças mais gostam de aprender”; Professor (C) - muitos professores sempre ficam nos mesmos temas, não enxergam que a EA abrange muito mais que apenas os seres vivos e meio ambiente”.

Após está discussão a pesquisadora apresentou os resultados obtidos da pergunta – Qual é a compreensão dos/as professores/as a respeito da EA? Alguns dos docentes disseram que o resultado foi correto, pois os professores não possuem nenhuma especialização sobre o tema EA para trabalhar em sala de aula, o que conhecem é pouco e abordam apenas os aspectos que estão em evidência nos

meio de comunicação de massa (TV, revistas e jornais). Professor (A) – “Pelo que eu vejo a EA passa despercebida na Educação Infantil, porque os educadores não tem interesse em trabalhar o tema e também não buscam conhecer o assunto mais especificamente”; Professor (B)- “São tantas as imposições que a secretária de educação nos manda fazer que acaba não dando tempo de fazer um projeto bem elaborado, que seja realmente significativo para as crianças”.

Finalizando a apresentação da análise dos questionários, foram discutidas as respostas da Tabela 2, que apresenta as dificuldades e as facilidades apontadas por eles com relação ao se trabalhar com a EA em sala de aula. Professor (A)- “Está é a realidade do ensino em nosso município”; Professor (B)- “Infelizmente tenho que concordar com as respostas dos meus colegas, a EA fica de fora dos planejamentos dos Cmei's”; Professor (C)- São poucos os educadores que se interessam em trabalhar, discutir sobre questões ambientais com as crianças, não é que elas não sejam capazes de compreender, mas o próprio educador não tem muitos conhecimentos para o debate”.

Logo na sequência a pesquisadora conversou com os educadores professores a respeito de alguns temas que foram abordados nos módulos do curso de especialização “Educação Ambiental – Espaços Educadores Sustentáveis”. Um dos assuntos abordados foi a respeito dos Sujeitos e das Identidades (visto no módulo 3 do curso) que formam ou que fazem parte da EA, foi perguntado aos participantes da roda de conversa se saberiam identificar quem são esses sujeitos, e a maioria respondeu que são as pessoas que trabalham e pesquisam o tema em seu dia a dia, ou seja, para os professores/educadores são os intelectuais, teóricos e estudiosos. Após a fala dos docentes a pesquisadora lhes falou a respeito de que todos os saberes são significativos e devem ser levados em consideração (saber popular e o científico), as diversidades culturais nos trazem a todo momento novas significações do contexto social, e que os saberes de todos (camponeses, urbanos e indígenas) devem fazer parte do diálogo a respeito das questões ligadas a EA.

Em seguida a pesquisadora apresentou as opções pedagógicas para se trabalhar com a EA nos sistemas de ensino brasileiro, conforme o quadro a seguir:

<p>EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA- PAULO FREIRE</p>	<p>Educação libertadora, transformadora.</p> <p>Em Freire a EA define-se como um processo DIALÓGICO que problematiza as relações sociais de exploração e dominação no intuito de garantir as condições objetivas de transformação social na sua relação com o ambiente.</p>
<p>PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA DE DEMERVAL SAVIANI</p>	<p>O elemento CULTURAL apresenta-se como objeto de educação.</p> <p>O pleno processo de formação humana se dá pela apropriação da cultura.</p>
<p>TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT</p> <p>(Pensamento produzido por Adorno, Habermas, Horkheimer, Marcuse, Benjamim no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt).</p>	<p>TEORIA CRÍTICA (interpretação da realidade social).</p> <p>a) paradigma mecanicista;</p> <p>b) pensamento neutro e universal da realidade.</p> <p>RAZÃO INSTRUMENTAL (reproduzir a ideologia)</p> <p>RAZÃO ILUMINISTA (mito da calculabilidade utilidade euniformização)</p>
<p>MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO DE KARL MARX</p>	<p>A EA numa perspectiva emancipatória tem apoio no método marxista do materialismo histórico dialético. As categorias de análise e interpretação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • TOTALIDADE • CONCRETICIDADE • HISTORICIDADE • CONTRADITORIEDADE <p>(compreendidas DIALETICAMENTE)</p>
<p>FILOSOFIA DA PRÁXIS DE ANTONIO GRAMSCI</p>	<p>AÇÃO – REFLEXÃO – AÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Processo intencional de desvelamento pelo conhecimento. • Se dá de forma DIALÉTICA – REFLEXIVA numa perspectiva de transformação da realidade (Pensamento Marxista). <p>A filosofia da PRÁXIS tem consonância com a EA pois esta se configura em uma forma específica de práxis que se dá de forma investigativa e educativa nos grupos sociais.</p> <p>ECOLOGIA POLÍTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • cidadania ecológica – início da década de 90). • efeitos da crise no comportamento humano.

	<ul style="list-style-type: none"> • análise crítica do funcionamento da sociedade <p>Nessa perspectiva, a ECOLOGIA POLÍTICA demanda uma Educação Ambiental Emancipatória.</p>
--	---

Tabela 6: OPÇÕES PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL.

A pesquisadora se ateuve em dialogar enfaticamente a respeito das correntes pedagógicas de base freiriana e do materialismo histórico dialético(focos da pesquisa bibliográfica deste trabalho) visando a conscientização dos professores/educadores para saírem da EA de senso comum e partirem para uma perspectiva de educação libertadora, crítica e emancipatória. E também apresentou os resultados das entrevistas (item 7.4) realizadas com alguns dos docentes, a respeito de Freire e do marxismo.

5.1 INTERVENÇÃO REALIZADA COM A EQUIPE PEDAGÓGICA, COM RELAÇÃO AO QUE CONSTA NO PPP DA INSTITUIÇÃO E NA PPC DO MUNÍCIPIO DE PINHAIS (PR)

As considerações a respeito da análise feita no PPP da instituição pública foi discutida entre a pesquisadora e a equipe pedagógica, duas pedagogas e a diretora, em uma roda de conversa. A pesquisadora relatou a equipe sua perceptiva da Educação Ambiental que é descrita no documento.

A EA apresentada no PPP explora de forma simplista e de senso comum, alguns conteúdos e objetivos ligados a temática do meio ambiente, visto de forma fragmentada, e discutindo seus componentes de forma isolada, como se um não dependesse do outro para constituir o meio como um todo.

Estes conteúdos abrangem apenas questões isoladas e não compreendem as temáticas atuais, como os problemas que geram a crise ambiental global pela qual estamos passando, são conteúdos “soltos” que devem ser vistos de forma problematizadora e consciente pelos professores/educadores que visam trabalhar de forma problematizadora e crítica com as questões que estão em evidência na sociedade.

Para que ocorra uma EA problematizadora, libertadora e crítica, os conteúdos deve ser trabalhados de forma significativa, contextualizada e problematizada, envolvendo os educandos com o meio ambiente e com as questões ambientais a respeito das mudanças climáticas, do desmatamento, da poluição, do consumo descontrolado dos recursos naturais e da água doce do planeta, levando os educandos a adquirirem uma consciência mais responsável sobre suas atitudes com relação ao meio ambiente.

As bases freirianas e do materialismo histórico dialético nos subsidiariam ao propormos uma educação voltada para o desenvolvimento de sujeitos críticos, problematizadores, e transformadores da sociedade em que estão inseridos, pois os escritos de ambos nos remetem a uma práxis libertadora e em uma ação dialógica. Em Freire e Marx encontramos pressupostos que norteariam uma libertação da educação dita “bancária”, a qual está presente em muitas instituições de ensino, e assim poderia esta educação tornar-se crítica e humanizadora, não só dentro das relações da educação ambiental, mas em todos os âmbitos onde se haja o aprendizado e as relações dialógicas. Encontramos também “elementos determinantes do processo de conscientização e construção de uma visão de mundo alternativa à hegemonia capitalista”.

Só constar no PPP de uma instituição e na PPC do município as formas e práticas pedagógicas sobre a temática ambiental não é o suficiente, quando se almeja que os educandos sejam capazes de transformar a realidade em que vivem é necessário que todo corpo docente esteja preparado para levar para a sala de aula as questões que estão em evidência no dia a dia, no que diz respeito aos sujeitos ambientais e suas identidades.

A equipe concordou com os apontamentos feitos e disseram que ao reelaborar o projeto político pedagógico, o tema Educação Ambiental vai ser revisto, a reelaboração está prevista para o segundo semestre deste ano, e a equipe com certeza tem mais contribuições sobre a realidade em que vivemos para acrescentar ao PPP.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das aproximações entre os pressupostos freirianos para a educação ambiental e as ideias divulgadas pelo materialismo histórico dialético (principalmente dos escritos de Gramsci) mostra com clareza a proximidade dos pensamentos e as influências sofridas por Freire ao conceber a sua concepção epistemológica de educação emancipatória, libertadora e crítica. Também são claras as influências das bases epistemológicas de Gramsci sobre a construção da fundamentação teórica da prática pedagógica de Paulo Freire.

Freire também foi fortemente influenciado pelo marxismo, pois em diversos pensamentos (principalmente nos expostos em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, “Conscientização” e em “Educação como prática da Liberdade”) expressa o antagonismo presente na sociedade capitalista, a qual é a autora, difusora e mantenedora de grande parte dos problemas sociais do mundo. Outro pensamento de Freire que se aproxima com os do marxismo é o de crítica aos atuais sistemas de educação, vistos por ele como sendo mecanicistas e “bancários”, os quais veem os educandos como seres que precisam ser moldados pelo conhecimento, já que não possuem nenhum, enquanto Freire os vê como sujeitos capazes de transformar a realidade em que estão inseridos, capazes que lerem e de interferirem no mundo.

Os pensamentos de Freire estão presentes em diversos espaços de aprendizagem e nos espaços da EA também, onde o educador ambiental deve ter uma visão de mundo crítica e problematizadora, tomando Freire como referência, pois para ele a educação é um processo de engajamento com a realidade e a EA é um processo desta natureza.

Com relação a análise da pesquisa feita com os professores/educadores é visível que a EA é negligenciada em seu dia a dia, nas salas de aula da Educação Infantil do Cmei Helena Kolody (Pinhais-PR), visto que os mesmos possuem conhecimentos de senso comum sobre o tema e que pouco ou nada debatem a EA com seus educandos. Apoiados em argumentos de que não possuem formação específica sobre a EA, de que os espaços educacionais não são adequados para se trabalhar com o tema, e de que a secretária municipal do município impõe muitos projetos extras para serem trabalhados em sala e acabam não tendo tempo

disponível para realizarem um projeto de EA de qualidade com a turma os professores/educadores deixam a EA em segundo plano em seus planejamentos e acabam não debatendo/discutindo/problematizando sobre as questões ambientais que estão a cada dia mais degradando as condições da vida humana e animal no planeta.

7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. O; OLIVEIRA, M. C. **Tipos de pesquisa**. Trabalho de conclusão da disciplina Metodologia de Pesquisa Aplicada a Contabilidade – Departamento de Controladoria e Contabilidade da USP. São Paulo: USP, 1997.

ARAÚJO, M. L. F. **Educação, Ecologia e Sustentabilidade**: contribuições de Paulo Freire ao desvelar da Educação Ambiental crítico- humanizadora. Resumos do VIII Colóquio Internacional Paulo Freire. Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas: Recife, 2013. ISBN 978-85-63977-05-2. Disponível em: > HYPERLINK <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/vi-ew/496/453>. Acessado em 10/05/2014.

ANDRIOLI, A. I. **A atualidade de Marx para o debate ambiental**. Disponível em: > HYPERLINK http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao3/Antonio_Andrioli.pdf < Acessado em 09/06/2014.

BOFF, L. **Sustentabilidade**. O que é – O que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL, Presidência da República Casa Civil. **Lei nº 6.938 d 31 de agosto de 1981**. > HYPERLINK http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm < acessado em 07/03/2013.

BRASIL, **Resolução Nº 05, de 17 de dezembro de 2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Disponível em: > HYPERLINK http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc. < Acessado em: 01/01/2013.

CHAUÍ, M. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, I. C. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6ºed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **A Educação Ambiental no debate das ideias**: elementos para uma EA crítica. In: **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6ºed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Um sujeito ecológico em formação. In: **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6ºed. São Paulo: Cortez, 2012.

DULEY, R. D. **Noção de Natureza, Ambiente, Meio ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais**. *Apud* ART, W. H. **Dicionário de ecologia e ciências ambientais**. São Paulo: UNESP/Melhoramentos, 1998. 583p. > HYPERLINK <http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-2-04-2.pdf> < acessado em 08/03/2012.

EMÍDIO, T. **Meio Ambiente & Paisagem**. In. LIMA, A. M. M. ; SILVA, A. C; SILVA, L. C. **Proposição de Implementação de um Sistema de Gestão Ambiental no Instituto Adolfo Lutz**. (Monografia de conclusão do curso de Pós-graduação em Gestão Ambiental). SENAC. São Paulo 2007. HYPERLINK <http://ambientedomeio.com/2007/07/29/conceito-de-meio-ambiente/> < acessado em 09/06/2014.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. 34° Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 22° Ed. São Paulo: Olho Dágua, 2009.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FOLADORI, G. **Uma Tipologia del Pelsamiento ambientalista**. In: Sustentabilidad? Desacuerdos sobre el desarrollo suetentable. Guillermo Foladore y Naína Pierri (Org). Universidade Autônoma de Zacatecas, Migeul Angel Porrúa, México, 2005. Disponível em: HYPERLINK > <http://editorainsight.com.br/naolab/wp-content/uploads/2012/03/FOLADORI2005-Tipo-logia-ambientalista.pdf> < Acessado em 07/06/2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3oed. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

JUNIOR, A. F. ; JUNIOR, N. F. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011. Disponível em: > HYPERLINK<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/178/167> < Acessado em 26/05/2014.

LIMA, G. F. C. **Educação Ambiental Crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 145-163, jan. /abr., 2009.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3°ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MESQUIDA, P. **Paulo Freire e Antônio Gramsci ou a Filosofia da práxis na ação pedagógica**. Revista Histedbr On Line, v. 11, n. 43, 2011.

MICHELS, L. B; VOLPATO, G. **Marxismo e fenomenologia nos pensamentos de**

Paulo Freire. © Filosofia e Educação (Online), ISSN 1984-9605 – Revista Digital do Paideia .Volume 3, Número 1, Abril de 2011 – Setembro de 2011.

MUNIZ, L. M. **Ecologia Política:** o campo de estudo dos conflitos sócio-ambientais. Revista Pós Ciências Sociais. v. 6, n. 12, São Luiz/MA, 2009.

ONU, **A ONU e o meio ambiente.** > HYPERLINK <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-meio-ambiente/> < Acessado em 16/03/2013.

PINHAIS, Secretaria Municipal de Educação de. **Proposta Pedagógica Curricular, Educação Infantil:** Pinhais – Paraná: SEMED, 2010.

PINTO, V. P. S; ZACARIAS, R. **Crise ambiental:** adaptar ou transformar? As diferentes concepções de educação ambiental diante deste dilema. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 39-54, set 2009/fev 2010.

SATO. M. ; CARVALHO. I. C.**Educação Ambiental:** pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, T. R. **Paulo Freire:** sua vida, sua obra e suas ideias com relação ao papel do educador. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Pedagogia)- Setor de Ciências Humanas, UNIBRASIL, Curitiba, 2011.

SILVA, P. C. D.; BARBOSA, C. L. **Paulo Freire e Antônio Gramsci:** Aproximações. Resumos do VIII Colóquio Internacional Paulo Freire. Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas: Recife, 2013. ISBN 978-85-63977-05-2. Disponível em:> HYPERLINK <http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/viewFile/216/294>. Acessado em: 02/05/2014.

TREVISOL, J. V. **A educação ambiental em uma sociedade de risco:** tarefas e desafios na construção da sustentabilidade. Joaçaba: Inoesc, 2003.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Temas ambientais como "temas geradores":** contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar em Revista, v.27, Curitiba/PR, junho 2006. Disponível em:> HYPERLINK http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100007<. Acessado em: 27/05/2013.

TORALES, M. A. **A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores:** da ação escolar a ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. Revista do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA), Rio Grande do Sul, v. especial, março de 2013. Disponível em: > HYPERLINK <http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3437> <. Acessado em: 15/05/2013.

VILLA, V; MIGUEL, M. E. B. **Por uma verdadeira práxis educativa:** aproximações das teorias de Paulo Freire e Antônio Gramsci. Disponível em: > HYPERLINK <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-458-04.pdf>< Acessado em 04/05/2014.

ANEXOS

Anexo nº1.

PROJETO: O educador ambiental partindo de pressupostos Freirianos e do Materialismo Histórico-Dialético: análise de uma experiência em Educação Infantil.

Em qual modalidade de ensino atua ? EDUCAÇÃO INFANTIL E. FUNDAMENTAL E. MÉDIO
Há quanto tempo atua na Educação? ANOS.
Qual é a sua formação? MAGISTÉRIO GRADUAÇÃO PÓS GRADUAÇÃO

TEMA: Educação Ambiental

1. Qual é o planejamento da escola para a temática? Considerando que a proposta pedagógica curricular prevê como eixo norteador a relação com o mundo físico e natural (educação ambiental).

- EXISTE UM PLANEJAMENTO E TODAS AS TURMAS OS SEGUEM.
- NÃO EXISTE NENHUM PLANEJAMENTO.
- EXISTE UM PLANEJAMENTO MAS NÃO É OBRIGATÓRIO A SUA EXECUÇÃO.
- CADA TURMA FAZ O SEU PLANEJAMENTO. DE ACORDO COM O INTERESSE DOS EDUCANDOS.

2. Como se dá esse debate no cotidiano da sala de aula? Como a temática ambiental é discutida com os educandos.

- NÃO OCORRE O DEBATE.
- OCORRE O DEBATE.
- OCORRE O DEBATE POR MEIO DE QUESTIONAMENTOS (SENSO COMUM) DOS EDUCANDOS.
- OS EDUCADORES TRAZEM PARA A SALA DE AULA OS TEMAS DISPARADORES PARA OS EDUCANDOS.

3. Quais são os conceitos centrais que mediam esse debate na escola e na sala de aula?

- MEIO AMBIENTE
- OBJETOS E PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES DO MEIO.
- SERES VIVOS (SERES HUMANOS, PLANTAS E ANIMAIS).
- QUATRO ELEMENTOS (TERRA, AR, FOGO,ÁGUA).
- FENÔMENOS E COMPONENTES NATURAIS.
- EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO.

4. Qual é a compreensão dos/as professores/as a respeito da educação ambiental?

- CONHECEM O ASSUNTO.
- POSSUEM FORMAÇÃO ESPECIFICA SOBRE A TEMÁTICA.
- POSSUEM CONHECIMENTOS DE SENSO COMUM SOBRE O TEMA.
- NÃO CONHECEM NADA SOBRE O TEMA.

5. Quais as dificuldades e facilidades ao se trabalhar com a educação ambiental em sala de aula?

Anexo n° 2.

Já ouviu falar sobre o professor/educador Paulo Freire? SIM NÃO

Já leu alguma obra do autor? SIM NÃO

Qual (is)?

–

–

O que você poderia falar sobre a visão que Freire expõe a respeito da:

EDUCAÇÃO BANCÁRIA:

EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA:

EDUCAÇÃO LIBERTADORA:

Anexo n° 3.

Você já ouviu falar sobre Karl Marx?

O que você conhece a respeito de Karl Marx?

O que você sabe sobre a corrente filosófica defendida por Marx e Engels?

Sobre quais temas essa corrente filosófica aborda?